

O GLOBO

nos discos populares

PANORAMA — O cronista está de volta ao Rio, depois de 13 supermovimentados dias em Manhattan. Para nossa surpresa, estamos vendo o Festival do Carnegie Hall tachado de “fiasco”, “fracasso”, “insucesso” por grande parte da imprensa carioca, o que se constitui, antes de mais nada, em imperdoável leviandade. O caso dos cronistas Antônio Maria e Tinhorão pode, no entanto, ser perfeitamente explicado. Ambos nutrem um tremendo desamor por tudo que se refere à música popular brasileira moderna e mui especialmente pela “bossa nova”. Para o primeiro, a ausência de Vinicius de Moraes — que é por êle deificado diariamente — serviu de grande pretexto para pulverizar um espetáculo a que não assistiu pessoalmente e do qual só teve notícias por terceiros. E o segundo é bastante conhecido como um dos “puristas” mais recalcitrantes, não aceitando nada que fuja da órbita Pixinguinha, Araci de Almeida, Moreira da Silva & adjacências.

É claro que o “show” estêve longe de ser perfeito. A presença de amadores ao lado de João Gilberto, Luis Bonfá, Agostinho dos Santos, Sérgio Ricardo e dos dois conjuntos instrumentais não se justificou de maneira alguma. Mas esta falha deve-se, exclusivamente, à bondade, à benevolência dos organizadores, que ficaram com peninha de deixar de fora os rapazes e moças do Rio e de São Paulo que viajaram a Nova York — alguns às próprias expensas — para poderem contar um dia aos filhos e netos que tiveram a suprema ventura de atuar no Carnegie Hall.

Se os produtores tivessem sido rigorosos e só deixado atuar os que estavam no “billing” oficial do espetáculo, a coisa teria sido, sem dúvida, completamente diferente. Mas mesmo com a participação de elementos fracos e inexperientes, o espetáculo foi um sucesso dos mais significativos. Quanto a reentrada do público, esta só se verificou — em escala muito pequena — durante o “set” de Lalo Schiffrin. Alguns brasileiros deixaram o recinto porque Lalo era argentino e outros, expectadores locais, o fizeram porque alguém acendeu as luzes da sala, o que os levou a pensar que se tratava do intervalo.

Como se pode despreender, as grandes falhas residiam nos setores “produção”, “apresentação” e “contra-regra”. Esta, então, estêve abaixo da crítica. Outra grande decepção no terreno técnico foi o sistema de amplificação. Para o homem que vai entrar para a História como o lançador do disco estereofônico, o som do concerto comprometeu bastante a Sidney Frey. Esperávamos uma perfeita distribuição de alto-falantes através de toda a enorme sala e vimos apenas dois, de 16 polegadas, no palco, os quais deram um rendimento verdadeiramente irrisório. Mas, mesmo com um som deficiente, o público reagiu da maneira mais favorável, permanecendo em silêncio absoluto durante o transcorrer dos números, para aplaudi-los calorosamente no final. Quando se tratava de “Desafinado” ou outro tema mais conhecido do público nova-iorquino, os aplausos prorrompiam aos primeiros acordes.

Podem ficar tranquilos, Antônio Maria, Tinhorão, Lúcio Rangel e outros adeptos da velha escola. Ainda não foi desta vez que se executou o “Requiem” para a “bossa nova”. Se fôr apresentada e gravada com inteligência e sentido profissional, ela ainda poderá ser uma inestimável promoção da arte popular brasileira no exterior.

